



Nuno Simões - Assessoria de Imprensa da Intel

Entrevista com Nuno Simões

Pinguim Inside

A expressão “Wintel” designa a dobradinha de um computador com processador Intel rodando o Microsoft® Windows. Pois prepare-se para algo parecido com o “Lintel” – o Linux de mãos dadas com a tecnologia da gigante de processadores para fornecer uma plataforma estável e de alto desempenho para as mais variadas atividades.

POR ALEXANDRE BARBOSA

A Intel sempre acompanhou o desenvolvimento das plataformas de código aberto; são bem conhecidos os projetos de grid e outros sistemas de computação de alta performance. Numa conversa com o CSO Nuno Simões, a equipe da Linux Magazine descobriu um novo grupo em atuação no Brasil cuja intenção é alavancar o progresso do uso de Linux em desktops. Simões conta que esse grupo está ajudando empresas de todos os portes a fornecer melhores ferramentas para atender a clientes corporativos, mas sobretudo visa atender às demandas do governo brasileiro, iniciativa relacionada com programas como o PC Conectado.

Linux Magazine» Onde está o elo de ligação da Intel com o Linux?

Nuno Simões» Independente da arquitetura de que estamos falando, se servidores ou dispositivos móveis, queremos ser a melhor plataforma. O desenvolvimento dos servidores da Intel já tem um histórico de anos calcado no relacionamento próximo com desenvolvedores de software. Vemos o Software Livre e o Linux como mais uma opção para o cliente e temos que oferecê-la. No que consiste isso? Temos que apoiar a criação de drivers que reconheçam novos equipamentos, softwares que reconheçam novas funções de hardware.

LM» E quais são os movimentos mais recentes da empresa nesse sentido?

NS» Há um ano e meio nós formamos um grupo chamado CSO (*Channel Software Operation*), do qual eu sou o gerente na América Latina. Esse grupo foi criado para atender a uma demanda por Linux no PC. Percebemos essa demanda em diversos países, como Brasil, China e Índia, e nos demos conta de que [o Linux no computador cliente] tem desafios diferentes daqueles do ambiente servidor.

O PC é mais simples? Não é. Há o desafio da interface com o usuário, que tem de ser amigável, de reconhecer nativamente tudo o que se conecta a um PC, de uma câmera digital a uma impressora, passando por outros periféricos, de milhares de fabricantes diferentes e que mudam suas especificações com frequência. Por outro lado, a comunidade Open Source desenvolve novas tecnologias com grande rapidez. Ao desenvolvermos uma nova solução nos processadores ligada a desempenho, conectividade ou segurança, a comunidade se adapta a ela muito rapidamente.

LM» Como está estruturado esse grupo?

NS» Esse grupo CSO está presente no mundo inteiro. São sete pessoas na América Latina e temos um laboratório de software com a Stefanini, com mais

sete pessoas. E o nosso objetivo é esse: ouvir o cliente final, que na maioria dos casos está relacionado ao governo em suas várias instâncias – federal, estadual ou municipal – em projetos de educação ou de inclusão digital, como o programa PC Conectado.

LM» E o que o Brasil tem feito de significativo nesses campos?

NS» Temos exemplos interessantes. Fomos no início de junho a um evento em Bangkok, na Tailândia, que reuniu representantes de países como China e Taiwan, entre outros, para trocar experiências sobre o Linux. Do Brasil foram o Gustavo Mazariol, CIO do Metrô de São Paulo, o presidente da Celepar, Marcos Mazoni, e Carlos Farache, que é o presidente da Fisepe, empresa de fomento da informática no Estado de Pernambuco. Todos trocaram experiências sobre o que estão fazendo e as dificuldades que estão enfrentando. O Mazoni acabou de colocar 40 mil máquinas em escolas públicas do Paraná. E ele tem um portal de conteúdo interessante para professores, mas pouca coisa para os alunos. Por outro lado, a província de Extremadura, na Espanha, tem um projeto de 150 mil máquinas e com um conteúdo ótimo para os alunos. Por que não promover um intercâmbio?

Isso foi uma coisa inédita e, pelas mãos da Intel, esses acordos podem acontecer, tudo dentro do espírito Open Source.

LM» E quais são os principais desafios que vocês estão enfrentando hoje?

NS» Temos desafios de todos os tipos. Temos nos dedicado principalmente a certificar a estabilidade de sistemas e ajudar a resolver gargalos de performance. Embora o mundo Open Source tenha boas interfaces gráficas e grande variedade de soluções, dependendo dos produtos que você põe para trabalhar juntos podem surgir problemas de compatibilidade. Às vezes certos componentes de hardware não são reconhecidos ou, quando isso acontece, eles não têm o desempenho desejado. Ou seja, promovemos essas melhorias e depois compartilhamos as informações com a comunidade.

LM» No que consistem esses testes?

NS» Usamos vários scripts de teste e temos um conjunto de indicadores de desempenho conhecidos e que mostram onde estão os problemas. No final desses testes, temos um relatório que pode ir para o fabricante de hardware ou fornecedor de software mostrando o que pode ser melhorado. Claro, existem casos de produtos mais sofisticados. Estamos trabalhando com um integrador para fazer um produto de gerenciamento de redes. Obviamente, isso é muito mais complexo do que um conjunto de drivers, ou seja, o conjunto de testes é muito maior, temos que fazer testes de stress na solução, em colaboração com laboratórios da Intel nos EUA.

LM» Pela experiência de vocês, qual o grau de maturidade das empresas brasileiras em hardware e software?

NS» As empresas de software estão muito bem preparadas. Vemos companhias com nível tecnológico muito avançado em software, inclusive pequenas e médias empresas progredindo bastante e

começando a prestar serviços e suporte de bom nível. Já no mundo do hardware, o Linux ainda é novidade. Você tem, por exemplo, empresas de hardware que já têm algum histórico ou experiência em desenvolvimento de software e conseguem aproveitar essa experiência para se adaptar com facilidade ao novo cenário promovido pelo Software Livre. Empresas que só mexiam com hardware estão demandando mais ajuda. É um paradigma novo para essas companhias, porque agora elas precisam se preocupar com o que vai rodar dentro do equipamento delas.

LM» Na visão da Intel como fabricante, em quais áreas o Linux se destaca?

NS» Não temos uma visão muito diferente da do restante do mercado. Um dos destaques é *clustering*, em que há um ganho financeiro claro e a possibilidade de customização, geralmente feita por empresas que têm pessoal técnico preparado para explorar o potencial do ambiente. No PC, é uma pergunta difícil de responder porque tudo ainda é muito novo. As grandes instalações sempre são baseadas numa conta básica que considera a melhora de desempenho e a economia inicial representada pela redução nos custos de licenciamento do sistema operacional, além do investimento complementar em customização. Ou seja, vemos que é a questão do custo e não a do desempenho que está dirigindo o mercado por enquanto. Quando vemos um produto feito de forma genérica, como acontece no mundo Open Source, você precisa fazer ajustes finos de otimização, que alguns clientes de vanguarda estão fazendo – daí nosso envolvimento.

LM» Você acha que os custos de aprisionamento relacionados a outras plataformas representam uma barreira?

NS» Particularmente, não acredito em custos de aprisionamento. Por quê? Porque eu não acho que as pessoas não mudam porque não podem mudar. Elas não mudam

porque não se sentem confortáveis ou não percebem um ganho real com a mudança. É por isso que o Software Livre não deu aquele salto tão esperado. O mercado está muito no começo e, com a exceção das pessoas que tomam a frente e inovam, às vezes em empresas não vinculadas à área de tecnologia, a maioria ainda prefere uma opção mais conservadora.

LM» O trabalho de vocês tem envolvimento com distribuições nacionais?

NS» Sim, claro, apoiamos isso desde que haja demanda real entre nossos clientes. Mas eles estão cada vez mais seletivos, preferindo distribuições que tenham um grau de maturidade maior, uma comunidade de desenvolvedores mais ativa ou seja, um conjunto de itens que dê mais segurança para os movimentos da empresa.

LM» As consultas vêm de que mercados?

NS» Principalmente implementações relacionadas a educação, inclusão digital e uso corporativo em empresas públicas.

LM» O que mais a Intel tem em Linux?

NS» Temos parcerias com fabricantes de placas-mãe e fornecemos drivers Linux para nossas próprias placas. Também entregamos aos integradores equipamentos prontos para serem montados em soluções com Linux. Participamos igualmente do OSDL (Open Source Development Labs) e temos uma interação muito próxima com a comunidade, assim como fazemos com outros ambientes operacionais. ■

INFORMAÇÕES

- [1] Página da Intel para integradores: www.intel.com/cd/channel/reseller/asm0-lar/por/197750.htm
- [2] Otimização do kernel Linux para processadores Pentium 4: www.intel.com/support/pt/processors/sb/cs-012822.htm
- [3] Informações sobre o funcionamento do Linux em sistemas com chipsets Intel: www.intel.com/support/pt/chipsets/sb/cs-013548.htm